

Repercussões da Escolha Amorosa na Separação Conjugal Ocorrida Durante a Transição para a Parentalidade

Repercussions of the Love Choice on the Marital Separation that Occurred During the

Transition to Parenthood

Mariana Reis Barcellos¹

Rebeca Nonato Machado²

Terezinha Féres-Carneiro³

Resumo

Este estudo é parte de uma pesquisa mais ampla sobre a separação conjugal na transição para a parentalidade. Teve como objetivo investigar a repercussão de aspectos da formação do casal na separação, ocorrida durante a transição para a parentalidade, a partir da vivência feminina. Foram realizadas 12 entrevistas com roteiro semiestruturado com mulheres das camadas médias da população carioca, entre 30 e 40 anos de idade que se separaram há, no mínimo, dois anos, no período de 0 a 2 anos de idade do primeiro filho. Para a análise dos dados, foi utilizado o método de análise de conteúdo e várias categorias emergiram dos relatos das participantes. Tendo em vista o objetivo deste estudo, serão apresentadas e discutidas as categorias: *dependência absoluta* e *ilusão de onipotência*. Os resultados permitiram considerar que a escolha amorosa motivada por demandas anaclítica ou narcísica polarizadas, caracterizadas por extrema dependência ou onipotência, potencializadas por valores individualistas e hedonistas, atuou como possível preditora da dissolução amorosa.

Palavras-chave: escolha amorosa, transição para a parentalidade, separação conjugal

¹ Psicóloga Clínica. Especialista em Psicologia Analítica. Mestre e doutora em Psicologia Clínica pela PUC-Rio.

² Doutora em Psicologia Clínica com pós-doutorado pela PUC-Rio. Especialista em Psicoterapia de Família e Casal. Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro. Professora assistente da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Professora do curso de especialização em Psicoterapia de Família e Casal do CCE (PUC-Rio).

³ Doutora em Psicologia Clínica pela PUC-SP, pós-doutorado em Psicoterapia de Família e Casal pela Universidade Paris 5. Professora titular do Departamento de Psicologia da PUC-Rio. Professora e coordenadora do curso de especialização em Psicoterapia de Família e Casal da PUC-Rio. Psicoterapeuta de família e casal, bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq.

Abstract

This study is part of a wider research on separation in the transition to parenthood. The objective was to investigate the repercussion of aspects present in the formation of the couple in the separation that occurred during the transition to parenthood, according to the female experience. Twelve semi-structured interviews were conducted with middle-aged women, between 30 and 40 years of age, who separated for at least two years, from zero to two years of age of the first child. For data analysis, the content analysis method was used and several categories emerged from the participants' reports. In view of the objective of this study, these categories will be presented and discussed: *absolute dependence and illusion of omnipotence*. The results allowed to consider that the affective choice motivated by polarized narcissistic or anaclitical demands, characterized by extreme dependence or omnipotence, potentiated by individualistic and hedonistic values, act as possible predictors of the amorous dissolution.

Keywords: love choice, transition to parenthood, marital separate

Introdução

As relações interpessoais cotidianas revelam a tensão entre liberdade e satisfação conjugal. A conjugalidade evidencia esse paradoxo na medida em que a hesitação pelo aprofundamento afetivo desloca o sujeito para o excesso de paixões, idealizações amorosas e um estado de dependência. O mundo virtual e as novas tecnologias promoveram a comunicação global instantânea de modo a aumentar a quantidade de relações interpessoais, mas reduzir a profundidade destas. Inseridos no modelo econômico capitalista, que enfatiza a lógica do consumo irrefreável e a descartabilidade das mercadorias, as relações amorosas também se tornaram mais efêmeras e superficiais. Passos (2013) relaciona esse esvaziamento dos laços ao consumo abusivo de drogas e medicamentos; ao excesso de competitividade no mercado de trabalho; e à supervalorização e à superexposição do corpo.

Seguindo a mesma perspectiva, Dunker (2017) relata a inabilidade em formar laços de intimidade com o outro como uma nova forma de sofrimento psíquico que aparece nos consultórios atualmente. Para ele, a construção de cumplicidade conjugal gera desconforto e

dúvidas sobre a sua própria natureza, evidenciando a ambivalência entre falsa paixão e amor verdadeiro. A relação amorosa parece ter sido deslocada do lugar de objeto suposto a tamponar a falta subjetiva, deixando de carregar a promessa de felicidade eterna. No entanto, o autor enfatiza que a não intimidade mantém a sensação de vazio e a persistência em preenchê-lo deveria conduzir à constatação sobre a permanência de aspectos desconhecidos em nós mesmos e nos outros. Assim, seria possível compreender a ligação conjugal como um semblante que denota a incompletude do saber e do não saber sobre o outro, característica estruturante da tensão nos laços de intimidade amorosa. A capacidade de reconhecer a si mesmo e ao outro e, sobretudo, a capacidade de amar o outro remonta às primeiras relações construídas na vida.

Freud (1914/1976) postula que o primeiro vínculo amoroso do bebê se dá com a mãe e toda busca amorosa futura estará referida a esse encontro inicial e, portanto, nunca será integralmente satisfeita. Na perspectiva freudiana, o amor está ancorado no ideal narcísico, na completude e perfeição perdidas. Sua origem está na fase de ilusão de onipotência e de totalidade que o bebê experimenta, sendo estruturante no seu processo de subjetivação. Ora buscando um substituto da mãe (escolha anaclítica), ora buscando a si mesmo (escolha narcísica), segundo o autor, o sujeito viverá o amor em perspectiva regressiva, marcado pela tensão entre o quanto se aproximar e o quanto se afastar do outro. Coca, Salles e Granado (2017) ressaltam que na escolha anaclítica de mulheres é comum que o objeto de amor seja um homem protetor. Na escolha narcísica, há a demanda para que o objeto de amor siga o modelo do próprio amante, sendo o que ele é, o que já foi ou o que desejaria ser.

Com base nesses pressupostos, a relação amorosa seria, então, uma ilusão amorosa, tendo em vista a sua impossibilidade procedente. Nela contidas, cabem a ilusão de onipotência, a ilusão de dependência absoluta e a ilusão de liberdade absoluta que, embora constitutivas da dimensão humana inconsciente, podem eclodir como armadilhas imprevistas. O paradoxo do amor faz-se presente por meio da ilusão que, ao mesmo tempo que possibilita a manifestação de um potencial criativo, também pode se manifestar com caráter destrutivo por meio do distanciamento alienante do outro. Na concepção de Magalhães (2003), a

construção do vínculo conjugal opera na mesma dinâmica diacrônica, na medida em que transforma os cônjuges pelos movimentos de ilusão, desilusão e recriação, facilitando a elaboração de afetos ambivalentes.

O sujeito busca no objeto amoroso aquilo que este não tem, revelando um empenho, sempre arriscado, de suplementar o real da falta. Para Puget e Berenstein (1993), o vínculo conjugal se dá na tentativa de aliviar o sofrimento psíquico e o apaixonamento inicial recupera as ilusões de completude e permanência na vida. Na visão desses autores, o pacto inconsciente que funda a relação amorosa envolve a conservação de registros infantis por meio do cônjuge. O sujeito experimenta uma sensação de poder e de satisfação originários que ativam no ego a ilusão de completude.

Willi (1982) retoma Freud e relaciona a interação conjugal às fases libidinais do desenvolvimento infantil. Nomeia de colusão a ligação inconsciente que funda as relações amorosas nestes termos. Na sua visão, o jogo neurótico de colusão acontece quando os parceiros ficam cristalizados no rito de luta que consome muita energia psíquica por longo tempo, impedindo a solução de conflitos. Estes tendem a assumir posturas rígidas e estereotipadas, fixando-os em extremidades polarizadas e apontando para possíveis patologias.

Para além do subsistema conjugal, Neves, Dias e Paravidini (2013) consideram influências socioculturais nas relações humanas. Eles retomam o paradoxo entre a cultura do narcisismo, na qual estão presentes individualismo, liberdade, sucesso e conquistas, e a procura pela felicidade no amor conjugal e na constituição de família. A articulação entre conjugalidade e individualidade é, segundo Féres-Carneiro e Ziviani (2009), um dos desafios enfrentados pelos casais contemporâneos. Assim, engajar-se em uma relação afetiva seria arriscar-se nos limites da própria organização psíquica, de maneira a colocar à prova a capacidade de lidar com sofrimento, com desconhecimento, com inseguranças e com desamparos.

Neves (2016) interpreta a relação diádica como um microcosmo sistematizado pelos desejos dos parceiros, autorregulado e homeostático, fundado numa intensa e ambivalente

catexia mútua. Na sua concepção, o casal apaixonado é a negação da discriminação, da oposição, da contradição, da limitação. Nesse momento primordial, quanto maior for o sentimento de desamparo e de incompletude do sujeito, maior será a intensidade do envolvimento amoroso com o outro. A falha na vivência da castração dos cônjuges potencializa exigências e intolerâncias mútuas, conduzindo-os a não suportar perdas e frustrações, atacando o outro como a causa de sua desilusão.

A essa aliança inconsciente fundadora da origem amorosa, Kaës (1993) nomeia de “pacto denegativo”, conceito derivado do “contrato narcisista” (Aulagnier, 1979). As fantasias operam em caráter defensivo, vinculando o cônjuge à solução das faltas primitivas de um tempo psíquico primevo. Assim, as fases de grande intensidade afetiva atravessadas pelos casais trazem à tona pactos e alianças engendrados no início da relação, remontando sempre às origens da escolha conjugal.

Quando a angústia da perda atravessa a escolha amorosa e prejudica a intimidade nas relações, o processo de amadurecimento falhou no alicerce de aspectos fundamentais, capazes de fazer sustentar as ambivalências características dos relacionamentos humanos. Na interpretação de Fortes (2008), essa falha é percebida na clínica do vazio por meio das patologias do ato, compulsões, depressões, entre outras.

Neves, Dias e Paravidini (2013) ressaltam que ser feliz não é mais somente um projeto do Id, mas do Superego, o que gera sentimento de culpa cada vez que a felicidade não é atingida. Vivemos, portanto, não apenas na busca pela exterioridade perfeita, mas também pela perfeição de almas, aplacando ou negando qualquer forma de dor. Conforme apontam as autoras, compramos a ilusão de que podemos ser o que quisermos, alienando-nos das contingências e vislumbrando uma liberdade irresponsável e inatingível. A cultura hedonista expõe a conjugalidade à ação de pulsões destrutivas por meio de conflitos e violência. Onde há uma busca incessante por prazer individual, não há o exercício do reconhecimento do outro, da sua alteridade. Dessa forma, o ideal romântico reúne na contemporaneidade as ilusões narcísicas de onipotência, enaltecendo a felicidade e o prazer em sua plenitude, e, desconsiderando a dimensão do sofrimento e do desamparo, presente em toda relação.

Magalhães (2018) pontua que os cônjuges devem manter a existência de sua alteridade, resguardando seu verdadeiro self e resistindo aos ataques do parceiro. A todo o momento, o outro tentará encaixar o objeto real ao objeto fantasiado, forçando o seu desaparecimento psíquico. A saúde conjugal não está, portanto, na anulação do outro, mas na criação de um espaço criativo terceiro, que preserva as diferenças e perpetua a atração pela alteridade. Reconhecendo a vulnerabilidade, o sujeito será capaz de produzir saídas e apropriar-se de destinos possíveis pra si mesmo e para o casal.

Quando a saída não é encontrada e o casamento chega ao fim, as insatisfações femininas ainda são mais consistentemente associadas à separação. As mulheres ainda atravessam maior sofrimento em decorrência da maternidade e das dificuldades encontradas em suas relações conjugais e o acúmulo de descontentamentos provoca tensão que pode culminar na separação (Birditt et al., 2017).

Considerando o casamento e a chegada do primeiro filho, que demarca a transição para a parentalidade, como etapas significativas do ciclo vital familiar, entendemos que os investimentos afetivos são profundos e, portanto, possíveis geradores de situações de conflito. O primogênito inaugura um dado de realidade que exige dos cônjuges novos papéis e a reorganização de funções nos âmbitos instrumental e emocional. A conjugalidade fica em segundo plano em relação às demandas parentais, de modo que haja redução na satisfação conjugal e o aumento nas possibilidades de separação (Magalhães & Féres-Carneiro, 2011; Soares & Colossi, 2016; Tissot & Falcke, 2017; Pasinato & Mosmann, 2016; Duarte & Zordan, 2016).

Para Silva et al. (2021), a principal causa de insatisfação conjugal feminina é a sobrecarga pelo acúmulo de atividades. Nessa linha de pensamento, Martins et al. (2019) apontam para a interpretação feminina sobre a maternidade como uma ameaça à profissão e ao casamento, podendo comprometer a autoestima das mulheres e desencadear sentimentos de insegurança e de ambivalência.

Segundo dados do IBGE (2019), a taxa de nupcialidade vem caindo desde 2010 e, por outro lado, a taxa de divórcios vem aumentando a cada ano. No Brasil, o divórcio e a

consequente possibilidade do recasamento obtiveram regulamentação jurídica no ano de 1977, oficializando novas configurações de família.

Diante do crescente número de separações e do aumento nas possibilidades de se relacionar e de ser família, faz-se necessária a investigação sobre a construção do laço amoroso como origem das relações conjugais e seus desdobramentos na formação do casal parental. Assim, este trabalho tem como objetivo investigar a repercussão da formação do casal na separação ocorrida durante a transição para a parentalidade, a partir da vivência feminina.

Método

Participantes

A fim de investigar a vivência feminina do processo de separação conjugal na transição para a parentalidade, conforme o objetivo da pesquisa mais ampla, foram recrutadas por amostragem em bola de neve (Vinuto, 2014) e entrevistadas 12 mulheres pertencentes às camadas médias urbanas da cidade do Rio de Janeiro, heterossexuais, que tinham coabitado com o pai do seu primeiro filho por pelo menos dois anos, com idades entre 30 e 40 anos e que tinham se separado há, no mínimo, dois anos e, no máximo, cinco anos. O período de maior tensão conjugal varia da gravidez até o vigésimo quarto mês do bebê, podendo gerar uma crise na conjugalidade (Curran et al., 2006). Assim, foi critério de inclusão das participantes que elas tivessem se separado durante esse período. As características biográficas das participantes estão descritas na tabela a seguir.

Tabela 1

Participantes	Idade	Tempo de separação (em relação ao momento da entrevista)	Idade do(a) filho(a) na separação	Trabalha	Tipo de guarda	Rede de cuidadores
----------------------	--------------	---	--	-----------------	-----------------------	---------------------------

Mulher 1	33 anos	Quatro anos e seis meses	1 ano e 6 meses	sim	Unilateral	Avó, babá e empregada
Mulher 2	34 anos	Quatro anos	1 ano e 1 mês	sim	Unilateral	Avó
Mulher 3	35 anos	Cinco anos	1 ano e 6 meses	sim	Compartilhada	Avós
Mulher 4	37 anos	Cinco anos	1 ano	não	Compartilhada	-
Mulher 5	34 anos	Quatro anos	10 meses	sim	Unilateral	-
Mulher 6	34 anos	Cinco anos e seis meses	1 ano e 6 meses	sim	Unilateral	Bisavós
Mulher 7	38 anos	Três anos	1 ano	não	Unilateral	Avó
Mulher 8	40 anos	Quatro anos	2 anos	sim	Compartilhada	Avós
Mulher 9	32 anos	Cinco anos	6 meses	sim	Unilateral	-
Mulher 10	30 anos	Dois anos	1 mês	sim	Compartilhada	Avó
Mulher 11	40 anos	Dois anos	1 ano e 6 meses	sim	Compartilhada	Avós
Mulher 12	34 anos	Cinco anos	2 anos	não	Unilateral	Avó

Nota: todas as participantes relataram ter o nível de escolaridade relativo ao ensino superior completo e tiveram somente um filho.

Instrumentos e Procedimentos

Foi utilizada uma Ficha Biográfica e realizada uma entrevista que teve como base um roteiro oculto semiestruturado, contemplando temas concernentes ao objetivo do estudo. Desse modo, a pesquisadora pôde seguir a direção dada pelos entrevistados sem ficar presa a uma sequência rígida de perguntas. Os eixos temáticos que compuseram o roteiro oculto foram os seguintes: breve história da relação amorosa, casamento, gravidez, rede de apoio, relação amorosa depois do filho, conflitos, motivações para a separação e transformações após a separação. As entrevistas tiveram duração média de 50 minutos, foram realizadas individualmente, gravadas e transcritas integralmente.

Cuidados Éticos

O projeto que deu origem a este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade do Rio de Janeiro (Parecer 003D/2017). As participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, tendo autorizado o uso dos resultados da investigação em ensino, pesquisa e publicação, preservadas suas identidades.

Análise dos Dados

Os dados coletados foram submetidos ao método de análise de conteúdo, em sua vertente categorial, buscando investigar, a partir do material discursivo, as significações atribuídas pelas entrevistadas aos fenômenos (Bardin, 2016). Convém assinalar que a revisão da literatura acerca do tema, o levantamento dos eixos temáticos e a “leitura flutuante” do conteúdo encontrado no material coletado foram norteadores para o estabelecimento das categorias de análise. Várias categorias emergiram das narrativas das participantes. Para atingir os objetivos formulados neste estudo, serão apresentadas e discutidas as seguintes categorias de análise: *dependência absoluta* e *ilusão de onipotência*.

Resultados e Discussão

As categorias *dependência absoluta* (*escolha anaclítica*) e *ilusão de onipotência* (*escolha narcísica*) dizem respeito ao período de formação do casal conjugal. Os relatos apresentam as motivações para os primeiros contatos entre os cônjuges, etapa anterior ao casamento, à transição para a parentalidade e à separação conjugal.

Dependência Absoluta

Observamos que, na fase inicial do relacionamento, a maioria das mulheres descreveram ter se aproximado do futuro marido em um período no qual estavam vulneráveis e em desenvolvimento profissional. As falas a seguir mostram uma posição de fragilidade e dependência da maioria das mulheres em relação aos pretendentes. Elas relataram estarem em posição hierárquica inferior aos homens no âmbito profissional de suas vidas e que receberam ajuda significativa deles na superação das dificuldades que enfrentavam.

A gente se conheceu no trabalho. Foi meio que amor à primeira vista. Ele estava na empresa há mais tempo que eu e foi bom porque me inseriu na galera, sabe? A gente decidiu que ia ficar junto e então decidimos logo ir morar junto. (Participante 1).

A gente trabalhava junto numa emissora de TV e ele era meu diretor. [...] Eu pedi para ele ser meu diretor para ele me ajudar no roteiro e tal. Aí a gente começou a conviver e

sair. Ficava gravando até meia-noite às vezes. Como ele morava perto, vinha me trazer em casa. (Participante 3).

“Eu fui fazer uma entrevista num escritório e o pai da minha filha era o dono. A gente se conheceu ali [...] ficamos juntos desde então. Era tudo maravilhoso no começo.” (Participante 8).

Eu era gerente de uma loja e ele trabalhava no escritório dessa loja. Desde a primeira vez que eu olhei pra ele, eu senti uma atração, assim. Eu gostei dele e comecei a me envolver com ele. A gente começou a ficar e foi se conhecendo durante um mês. Logo fomos morar junto. (Participante 9).

Eu era fã dele, mas não tinha contato. Ele é artista, mas teve uns problemas e se afastou um pouco da carreira. Um amigo em comum apresentou a gente. Então, nesse dia mesmo a gente ficou e em 15 dias, a gente estava namorando. Foi tudo muito rápido. (Participante 12).

A partir dos relatos, entendemos que as mulheres enxergaram nos seus pretendentes uma espécie de salvador, um homem em um estágio superior que poderia resolver a vulnerabilidade das mesmas e conduzi-las a uma relação estável e segura. Contudo, nenhuma delas enfatizou o amor como motivação inicial, mas componentes utilitários e práticos para melhorarem suas vidas.

As entrevistadas ressaltaram o breve período de tempo em que a relação foi instituída. Parece que a rapidez da união expressava uma urgência para o alívio psíquico e preenchimento do vazio afetivo. Podemos relacionar a velocidade de vinculação, assim como constatou Dunker (2017), à tentativa de suprir uma falta subjetiva em detrimento de motivações que apontem para um projeto de vida em comum e, portanto, desconsiderando o outro e impossibilitando a construção de uma identidade conjugal criativa e satisfatória.

Percebemos na descrição dessas relações a presença inicial de dependência, admiração maciça e idealização amorosa a qual, conforme postulou Freud (1914/1976), remete ao oferecimento de si mesmo como objeto para o outro, à demanda anaclítica em que o sujeito se abriga de maneira regressiva na posição de ser cuidado e protegido por alguém.

Podemos considerar que as mulheres se identificaram com uma atitude dependente, colocando os homens, assim como o descrito por Coca, Salles e Granado (2017), no lugar de protetores. Pareciam engajadas num processo inconsciente de sedução no qual a dependência feminina serviu como atrativo e contribuiu para as motivações pela escolha amorosa.

As entrevistadas enxergaram nos parceiros aquilo que nelas faltava, uma parte que as completaria, revelando, então, a ilusão de completude e felicidade plena. Elas apontaram para um pacto inconsciente, tal como descrito por Puget e Berenstein (1993), relativo à recuperação de objetos infantis que garantiriam o suposto aplacamento de sofrimentos e faltas afetivas.

Assumindo a polaridade do desamparo, a fim de conquistar o coração do salvador, as participantes se afastaram da alteridade do pretendente, além de arriscarem as próprias fronteiras psíquicas. Elas pareciam enredadas na armadilha do apaixonamento que, conforme afirma Neves (2016), é caracterizada pelo rebaixamento de limites e pela ilusão de perfeito e eterno encaixe.

Ilusão de Onipotência

À medida que o relacionamento foi se construindo e o tempo passando, foi possível identificar nas falas uma mudança na percepção das mulheres em relação aos maridos. As entrevistadas descreveram uma posição oposta em relação à fase inicial do relacionamento, na medida em que passaram a desconsiderar a opinião e o desejo dos cônjuges sobre decisões determinantes ao projeto de vida do casal. Foram assumindo outro lugar (de dependência para onipotência) e desfazendo a idealização sobre os maridos, passando a narrar os projetos conjugais de outro ponto de vista.

Eu decidi engravidar, eu decidi que eu queria ter um filho dele. Aí eu falei pra ele que eu queria ter um filho. Ele concordou. Ele concordou porque ele concordava com tudo mesmo. Tudo que eu dizia pra ele estava certo, ele aceitava. [...] Ele não reclamava de nada, então ele não ia ser capaz de fazer uma reclamação. Ele não ia dizer o que incomodava e o que não incomodava. Acho que ele falhou nisso. Nunca dizia do que não

gostava. Pra ele estava tudo sempre bom, sempre adorando tudo, sempre curtindo tudo.

[...] As pessoas precisam dizer o que está incomodando. (Participante 1).

Não teve pedido de casamento. A gente estava junto, até que um dia eu falei que não queria mais os restos da ex dele na nossa casa. Quando ela foi buscar tudo na portaria, eu oficializei, do tipo estamos namorando agora. Não dava mais pra ficar naquela situação. Mandeí ele pra terapia e tudo. (Participante 3).

Eu comecei a fazer o que eu queria mesmo. Depois que a gente veio pro Rio eu escolhi aonde a gente ia morar, a decoração e até que a gente não ia casar no papel. [...] Ele dizia que queria ser pai, mas só quando eu quis, eu parei de tomar a pílula e engravidei. (Participante 4).

Eu já estava querendo engravidar, então fui tirar o DIU sem ele saber. Já ficava pensando como ia organizar tudo, o quarto do bebê, a babá que ia cuidar dele, porque eu ia continuar trabalhando, né? Tive até medo dele não aceitar o filho. (Participante 8).

O tempo foi passando e eu fui vendo algumas coisas que eu desconfiava. Eu decidi colocar as cartas na mesa e tomar as rédeas da situação. Eu até pensei em terminar e chamei ele pra uma conversa meio decisiva. Nessa conversa ele me pediu em casamento. Eu organizei tudo porque queria uma coisa simples, uma recepção depois do cartório só. (Participante 9).

O cara não tinha muita iniciativa, era só eu cuidando de tudo. [...] Era muito zelo, era muito cuidado que eu tinha com ele, eu virei mais mãe do que mulher. [...] Eu ainda fazia tudo, tinham datas comemorativas que eu organizava tudo, no meu aniversário, eu comprava o meu presente pra ele me dar. [...] Ele ficou muito dependente de mim, não queria sair com os amigos, ter aqueles papos de homem. Só queria ficar comigo, fazia tudo que eu queria, eu escolhia o que a gente ia fazer todo dia. (Participante 12).

As falas evidenciam um momento de maior autoridade feminina, no qual as mulheres se instituem detentoras do poder e integralmente responsáveis pela relação conjugal. Parece que de protagonistas salvadores, os homens passaram a coadjuvantes na conjugalidade. Os maridos assumiram o polo de dependência, passividade e não foram reconhecidos na sua

potência. Foram desvitalizados e desvalorizados pelas mulheres, que invalidaram suas vontades e seus desejos.

As narrativas traduziram uma posição de dominação que, conforme postulou Freud (1917/1976), remete à escolha narcísica, marcada pela ilusão de onipotência que opera na direção de encontrar no objeto de amor partes de si mesmo. Nesse sentido, as entrevistadas trocaram de lugar com o parceiro. Elas deslocaram-se de objeto dependente para sujeito onipotente, contudo, buscando manter o outro na forma de miragem e obstruindo a formação criativa da conjugalidade.

Podemos considerar essa postura como manifestação narcísica das participantes, estabelecendo com o cônjuge uma relação especular na qual não há espaço para o reconhecimento da alteridade. Em concordância com os conceitos de “contrato narcisista” de Aulagnier (1979) e “pacto denegativo” de Kaës (1993), observamos a posição das entrevistadas em perspectiva defensiva, por meio da qual elas mantêm o lugar de poder e evitam as fantasias de sucumbirem ao desamparo.

Esses resultados corroboram as posições de Neves, Dias e Paravidini (2013) e de Puget e Bereinstein (1993) ao afirmarem que a desconsideração ou a desvalorização do cônjuge são elementos que formarão uma conjugalidade falha e insatisfatória, sem projeto de vida em comum e vulnerável a ataques de afetos primitivos que, constantemente, testarão o vínculo amoroso.

A rigidez percebida na atitude de poder, presente nas narrativas das mulheres, sobre a relação conjugal, vai ao encontro do descrito como jogo colusivo por Willi (1982). O enrijecimento em polos opostos, seja de autonomia ou de dependência, insere na conjugalidade potenciais conflitos que poderão conduzir à futura dissolução da relação.

A postura das mulheres revela o outro lado da moeda, na medida em que elas caem na ilusão de onipotência, negando qualquer grau de dependência e assumindo, paradoxalmente, atitudes individualistas e egoístas que condenam. Assim, o narcisismo encontra solo fértil para atuar e funcionar como elemento sabotador nas relações nas quais, conforme ressaltam Poli e Cavalcanti (2015), os cônjuges negam dimensões da falta, desamparo e vulnerabilidade. As

entrevistadas saíram da ilusão de salvação para se tornarem autossalvadoras e não abriram espaço para os parceiros e para a construção de um projeto de vida compartilhado, o que pode ter implicado na separação.

A desidealização do homem salvador e a negação da mínima dependência podem revelar o descontentamento feminino diante da impotência percebida no marido para a construção de uma identidade conjugal mais bem estruturada. Algumas entrevistadas relataram indícios de insatisfação detectados no início do relacionamento amoroso que foram aumentando no decorrer do tempo.

Acho que desde o início ele não era bom namorado não. Hoje eu nem me imagino com ele. Ele é relapso, livre, bicho solto, não queria muito dar satisfação. Eu ligava e ele não atendia, marcava comigo e chegava duas horas depois do mercado. Não era muito bom namorado não. (Participante 3).

Acabei saindo com ele e a gente namorou, mas ia e voltava, ia e voltava. A gente não brigava muito, mas ele sumia de vez em quando e eu ficava chateada com isso. Mas, eu estava estudando pra concurso, então também queria ter o meu tempo e evitava de ficar reclamando muito. (Participante 5).

Sempre foi um namoro conturbado por conta das nossas diferenças religiosas, né? [...] Ele disse que não seria um problema, mas à medida que o relacionamento foi amadurecendo e a gente também foi amadurecendo, passou a ser um grande problema. (Participante 6).

As narrativas apontam para a presença de um gérmen potencial gerador de conflito entre os cônjuges, ainda no início da relação amorosa. Os relatos revelam um incômodo sobre algumas diferenças que não foram elaboradas, permanecendo no relacionamento e crescendo ao longo do tempo. Possivelmente imersas na ilusão do apaixonamento e de completude, conforme ressaltado por Neves (2016), as participantes negavam a oposição e a limitação do parceiro, podendo reconhecê-las somente após a desilusão.

Considerações Finais

Os relatos apresentados pelas mulheres evidenciaram dois tempos da formação e da vivência conjugal. No primeiro momento, as mulheres submeteram-se à dependência, adotando uma postura regressiva e colocando-se vulneráveis diante do parceiro. Elas se entregaram aos maridos como se neles enxergassem a imagem do salvador e detentor de todo cuidado e proteção que lhes faltavam. Observamos aí uma conduta rígida na qual não há equilíbrio e a circulação da complementaridade de papéis na trama conjugal.

No segundo momento, as mulheres se posicionaram no lugar de poder e decisão acerca das deliberações relativas ao casal. Elas disseram assumir o controle diante da relação, também desconsiderando a potência do cônjuge, mostrando-se independentes e dominadoras. Negaram qualquer fragilidade e dimensão de dependência afetiva. A partir daí, podemos formular a hipótese de que os indícios de insatisfação oriundos da formação do casal e, percebidos por determinadas entrevistadas, tenham sido as primeiras manifestações de um processo que perdurou no período gestacional e eclodiu como insuportáveis com o nascimento do filho, períodos abordados em outros trabalhos decorrentes do estudo mais amplo. A conjugalidade pouco estruturada parece ter escamoteado falhas desde a sua origem, levando, assim, à separação conjugal.

Foi possível perceber, nos resultados desse estudo, a unilateralidade de papéis, por meio de uma dinâmica relacional pouco criativa. Operou uma dialética entre salvador e desamparado, e, ainda que as posições tenham sido trocadas, o jogo permaneceu. Parece que a maioria das entrevistadas tendeu a uma posição defensiva, na medida em que impediu a circulação de papéis de poder e de cuidado. Não houve deslocamento entre as polaridades autonomia e dependência, cronificando a relação e impossibilitando a expressão afetiva dos parceiros nas demais dimensões da experiência conjugal. A atuação de conteúdos inconscientes primitivos e pouco metabolizados parece ter influenciado nas motivações para o enlace amoroso, repercutindo na separação conjugal.

Na medida em que os relatos contemplaram a história da origem da relação conjugal de mulheres que se separaram na transição para a parentalidade, é possível considerar as

dinâmicas observadas como prováveis preditores da dissolução amorosa. Assim, tornou-se evidente a importância da perspectiva preventiva em processos psicoterapêuticos cujas demandas sejam relacionadas a esses temas.

Tendo em vista que as categorias *dependência absoluta* e *ilusão de onipotência* emergiram espontaneamente da fala das entrevistadas, não tendo composto inicialmente os eixos temáticos desta investigação, estudos futuros poderão abranger e aprofundar questões referentes à relação entre a formação do casal e a sua posterior dissolução. Dentre tais questões, a partir dos resultados deste estudo, podemos sugerir a investigação sobre o crescimento oculto de conflitos primordiais latentes dos cônjuges e a futura separação conjugal na transição para a parentalidade.

Referências

- Aulagnier, P. (1979). *A violência da interpretação: Do pictograma ao enunciado*. Imago.
- Pasinato, L., & Mosmann, C. (2016). Transição para a parentalidade e a coparentalidade: Casais que os filhos ingressaram na escola ao término da licença-maternidade. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 34(1): 129-142. dx.doi.org/10.12804/apl34.1.2016.09
- Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Birditt, K. S., Wan, W. H., Orbuch, T. L., & Antonucci, T. C. (2017). The development of marital tension: Implications for divorce among married couples. *Developmental Psychology*, 53(10): 1995-2006. 10.1037/dev 0000379.
- Coca, O. S., Salles, R. J., & Granado, L. C. (2017). Uma compreensão psicanalítica acerca do processo de luto na separação amorosa. *Psicologia em Estudo*, 22. Recuperado em 16/10/ 2018, de <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=287154862003>. ISSN 1413-7372.
- Curran, M., Hazen, N., Jacobvitz, D., & Sasaki, T. (2006). How representation of the parental marriage predict marital emotional attunement during the transition to parenthood. *Journal of Family Psychology*, 20(3): 477-484.
- Duarte, E. L., & Zordan, E. P. (2016). Nascimento do primeiro filho: transição para a parentalidade e satisfação conjugal. *Perspectiva*, 40(152): 65-76.

- Féres-Carneiro, T., & Ziviani, C. (2009). Conjugalidades contemporâneas: um estudo sobre os múltiplos arranjos amorosos da atualidade. In Féres-Carneiro, T. (Org.). *Casal e família: Permanências e rupturas* (pp. 83-107). Casa do Psicólogo.
- Fortes, I. (2008). Masoquismo e desamparo no sofrimento contemporâneo. *Revista Pulsional de Psicanálise*, 21(4): 27-38.
- Freud, S. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 21). Imago, 1996.
- Freud, S. (1917/1976) Conferência XXIII: Os caminhos da formação dos sintomas (v. XVI, pp. 419-439). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 21). Imago, 1996.
- IBGE (2019). *Estatísticas do registro civil*. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
- Kaës, R. (1993). *Transmission de la vie psychique entre les générations (em Le sujet del'heritage)*. Dunod.
- Martins, G. D. F., Leal, C. L., Schmidt, B., & Piccinini, C. A. (2019). Maternidade e trabalho: experiência de mulheres com carreiras profissionais consolidadas. *Trends in Psychology* [on-line], 27(1): 69-84. Recuperado em 03/06/2021 de <https://doi.org/10.9788/TP2019.1-06>. ISSN 2358-1883.
- Magalhães, A. S. (2003). Transmutando a individualidade na conjugalidade. In T. Féres-Carneiro (Org.). *Família e casal: Arranjos e demandas contemporâneas* (pp. 225-245). PUC-Rio.
- Magalhães, A. S. (2018). Um lugar para a alteridade na conjugalidade: contribuições winnicottianas. In A. Melgaço, A. S. Magalhães & R. Rojas (Orgs.). *Winnicott: Integração e Diversidade* (pp. 291-300). Editora Prospectiva.
- Magalhães, A. S., & Féres-Carneiro, T. (2011). Em busca de uma conjugalidade perdida: Quando a parentalidade prevalece. In T. Féres-Carneiro (Org.). *Casal e família: Conjugalidade, parentalidade e psicoterapia* (pp. 161-172). Casa do Psicólogo.
-

- Soares, B., & Colossi, P. M. (2016). Transições no ciclo de vida familiar: a perspectiva paterna frente ao processo de transição para a parentalidade. *Barbarói*, (48): 253-276. Recuperado em 26/08/2020, de <https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/6942>
- Neves, A. S., Dias, A. S. F., & Paravidini, J. L. L. (2013). A psicodinâmica conjugal e a contemporaneidade. *Psic. Clin.*, 25(11): 73-87.
- Neves, J. F. (2016). *Psicanálise de família e casal*. Belo Horizonte: Ed. Atesã.
- Passos, M. C. (2013). Intimidade: origem na família e repercussões na clínica. In T. Féres-Carneiro (Org.). *Casal e família: Transmissão, conflito e violência* (pp. 129-140). Casa do Psicólogo.
- Puget, J., & Berenstein, I. (1993). *Psicanálise do casal*. Artes Médicas.
- Silva, I. M., Schmidt, B., Lordello, S. R., Noal, D. S., Crepaldi, M. A., & Wagner, A. (2020). As relações familiares diante da COVID-19: recursos, riscos e implicações para a prática da terapia de casal e família. *Pensando famílias*, 24(1), 12-28. Recuperado em 03/06/2021, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679494X2020000100003&lng=pt&tlng=pt
- Tissot, W., & Falcke, D. (2017). A conjugalidade nas diferentes etapas do ciclo vital familiar. *Quaderns de Psicologia*, 19(3): 265-276. <http://dx.doi.org/10.5565/rev/qpsicologia.1399>
- Vinuto, J. (2014). A amostragem de bola de neve em pesquisa qualitativa: Um debate aberto. *Temáticas*, 22(44): 203-220.
- Willi, J. (1982). *Couples in collusion*. Hunter, House.